

ANÁLISE DO PERFIL DE INVESTIDOR DOS INVESTIDORES DA REGIÃO CELEIRO DO RIO GRANDE DO SUL

AN ANALYSIS OF INVESTOR PROFILES IN THE CELEIRO REGION OF RIO GRANDE DO SUL

ALMEIDA, Vitor Padilha¹

FLACH, Douglas²

TEIXEIRA, Giovani José²

COSTA, Simone da²

WELTER, Juarez²

WANDSCHEER, Cristian Samuel²

ROTHER, Leonei²

¹Discente do curso de Administração. Centro Universitário UCEFF, Itapiranga-SC

²Docente do curso de Administração. Centro Universitário UCEFF, Itapiranga-SC

RESUMO

O crescimento do acesso às informações financeiras e a ampliação da participação popular no mercado de investimentos têm estimulado novos estudos sobre o comportamento dos investidores brasileiros. Nesse contexto, compreender como diferentes fatores moldam a tomada de decisão torna-se essencial para entender a dinâmica financeira regional. O presente estudo analisa o perfil dos investidores da região Celeiro do Rio Grande do Sul, buscando entender como aspectos emocionais, cognitivos e socioeconômicos influenciam suas escolhas. O objetivo da pesquisa foi identificar e caracterizar o perfil do investidor da região, considerando preferências, atitudes frente ao risco e comportamentos de investimento. Trata-se de uma pesquisa quantitativa e descritiva, realizada por meio de um questionário estruturado aplicado a 270 residentes, resultando em uma amostra final de 236 participantes, dos quais 171 são investidores ativos. Os dados foram tratados por estatística descritiva. Os resultados revelaram que 57,89% possuem perfil conservador, 37,43% moderado e 4,68% agressivo. Observou-se

ainda que 64,91% aplicam até 25% do patrimônio e 76,61% valorizam a preservação do capital. Esses achados apontam para decisões majoritariamente orientadas à segurança, embora parte dos respondentes demonstre alguma abertura ao risco. O estudo contribui teoricamente ao fortalecer discussões em finanças comportamentais; na prática, auxilia instituições e investidores na compreensão dos padrões decisórios locais; e, socialmente, favorece o planejamento financeiro e a educação econômica na região.

Palavras-chave: Perfil de investidor. Finanças comportamentais. Tomada de decisão. Comportamento financeiro. Investimentos.

ABSTRACT

The growing access to financial information and the increasing participation of individuals in the investment market have encouraged new studies on the behavior of Brazilian investors. In this context, understanding how different factors influence decision-making becomes essential to comprehend regional financial dynamics. This study analyzes the profile of investors from the Celeiro region in Rio Grande do Sul, examining how emotional, cognitive, and socioeconomic aspects shape their choices. The objective was to identify and characterize the local investor profile, considering preferences, risk attitudes, and investment behaviors. The research is quantitative and descriptive, conducted through a structured questionnaire applied to 270 residents, resulting in a final sample of 236 participants, of whom 171 are active investors. Data were analyzed using descriptive statistics. The results show that 57.89% of investors have a conservative profile, 37.43% a moderate profile, and 4.68% an aggressive profile. Additionally, 64.91% invest up to 25% of their total assets, and 76.61% value capital preservation over returns. These findings indicate predominantly safety-oriented decisions, although some respondents demonstrate moderate risk tolerance. The study offers theoretical contributions to behavioral finance, practical insights for institutions and investors seeking to understand local decision-making patterns, and social contributions by supporting financial planning and economic education in the region.

Keywords: Investor profile. Behavioral finance. Decision-making. Financial behavior. Investments.

1 INTRODUÇÃO

A gestão de finanças pessoais é fundamental para garantir estabilidade econômica e alcançar metas de curto, médio e longo prazo. Para isso, é essencial planejar os gastos, manter um orçamento organizado e evitar despesas desnecessárias (Ponchio; Rohden;

Mette, 2022). Ainda, enfatizam o quão relevante é ter uma gestão financeira sólida em meio a um contexto de estresse pós impactos econômicos e sociais causados pela pandemia da Corona, vírus SARS-CoV-2 (COVID-19) no Brasil, salientando que o **bem-estar financeiro** é vital para a **saúde psicológica**, pois a segurança econômica reduz o estresse e a ansiedade relacionados a dívidas e despesas.

De acordo com Costa, Souza e Amaral (2021) além da disciplina financeira, a criação de uma reserva de emergência e a realização de investimentos contribuem para a segurança e o crescimento do patrimônio. O uso de ferramentas como planilhas e aplicativos pode auxiliar no controle das entradas e saídas, permitindo um acompanhamento mais eficiente dos seus movimentos diários. Em linhas gerais, conhecer-se de modo que saber os seus limites e tetos de gastos não possibilitando assim que as suas despesas sejam maiores que as suas receitas, em caráter de explanação, se faz indubitavelmente importante para uma melhor saúde financeira.

Sobre outra perspectiva de investimentos, segundo o *Investômetro* do **Jornal do Comércio**, o Rio Grande do Sul contabilizou **R\$ 100,4 bilhões** em investimentos anunciados, concluídos ou em execução durante **2024**, esse crescimento expressivo destaca o estado como uma potência, capaz de mobilizar grandes volumes de recursos, com forte participação dos setores industriais e em infraestrutura. Logo, diante dos aportes previstos para o Rio Grande do Sul, projeta-se um fortalecimento da economia local por meio da geração de renda e do aumento do poder de consumo. Nesse contexto, torna-se fundamental que a população regional esteja preparada para realizar escolhas financeiras adequadas, a fim de direcionar esses recursos de maneira segura e estratégica.

Ainda, de acordo com levantamento realizado pela Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais (ANBIMA) no ano de 2024, até fim do mês de setembro, consolidou-se um montante de R\$ 7,22 trilhões investidos, o que representa um acréscimo de 11,5% em relação ao volume investido até o término do ano anterior (2023), a maior parte destes recursos foram destinados por pessoa física (59,2%) sendo alocados prioritariamente em produtos de renda fixa demonstrado um crescimento de (18%) ao exercício precedente (ANBIMA, 2025).

Deste modo denota-se um emergente crescimento de investidores no Brasil, conforme Borba e Reis (2022), investir é uma decisão motivada por diversos fatores, como a busca por segurança financeira, aumento do patrimônio e realização de objetivos pessoais. Outrossim, os mesmos ressaltam que há uma falta de conhecimento dos investidores em meio a complexidade do mercado financeiro devido seus muitos produtos e serviços disponíveis e afirmam que muitos buscam investir por conta própria dando preferência assim por investimentos como a caderneta de poupança, uma vez que tal produto é o mais acessível e simples do mercado, analisada sua reputação e baixo risco.

Diante deste cenário, revelasse importante entender as perspectivas de pensamento e tomada de decisão do investidor traçando assim um perfil para o mesmo, todavia, nem tudo se aplica a um veredito fundamentado pela razão, mas também por vieses cognitivos conforme idealizado por Simon (1979), isto é, o investidor trata a realidade de uma forma diferente do que ela realmente é, traçando suas escolhas por heurísticas de finanças comportamentais como representatividade, disponibilidade, ancoragem, entre outras, acarretando assim em um processo cognitivo limitado, por isso incapaz de tomar decisões perfeitas (Campos *et al.*, 2024).

Dessa forma, antes de iniciar os investimentos e tomar qualquer decisão financeira, é essencial organizar-se e avaliar cuidadosamente quais são suas expectativas em relação aos investimentos. Essa etapa fundamental pode ser realizada por meio de testes de perfil de investidor, que podem ser definidos como "*suitability*", que significa "adequação", auxiliando na escolha das opções mais compatíveis com cada investidor em meio a grande variedade de produtos financeiros existentes (B3, 2022).

A partir desse contexto, esse estudo tem como pergunta problema a seguinte questão: **Qual o perfil de investidor dos investidores do mercado financeiro da região celeiro do Rio Grande do Sul?** A fim de responder essa questão, a pesquisa tem como objetivo **identificar o perfil de investidor dos investidores do mercado financeiro da região celeiro do Rio Grande do Sul.**

Este estudo justifica-se pela relevância em identificar os fatores, motivações e estímulos presentes na tomada de decisão do investidor, paralelamente, a correlação entre as heurísticas comportamentais que flutuam entre a razão e emoção ao investir, haja vista

os agentes possuírem características distintas, uma vez que estão diante de uma decisão que lhes incorra um determinado risco de perda (Saccól; Pieniz, 2018).

Justifica-se ainda, de acordo com Almeida e Aguiar (2023), pelo fato de que compreender o perfil do investidor é um passo essencial para garantir que as decisões financeiras estejam alinhadas aos seus objetivos, nível de tolerância ao risco e horizonte de tempo. Essa análise possibilita a escolha de ativos mais adequados às características individuais, reduzindo o risco de aplicações incompatíveis com as expectativas e necessidades do investidor.

Dada a relevância do tema, Paiva *et al.* (2020), afirmam que se faz necessário pesquisas a fim de estudar o comportamento dos investidores e a importância de investir, uma vez que conforme dados da Anbima, (2024), a quantidade dos investidores vem crescendo ao longo dos últimos anos.

Este trabalho corrobora de forma teórica, pois pode-se adentrar em estudos relacionados ao Perfil de Investidor e seus comportamentos ante a tomada de decisão. Contribui de maneira prática pois auxilia tanto os agentes do mercado financeiro na atuação, como também, estimula o crescimento do povo brasileiro tanto na economia quanto na gestão de finanças pessoais acarretando assim em uma sociedade mais sólida e desenvolvida perante às incertezas econômicas e apreensões políticas.

A metodologia utilizada nesta pesquisa é composta por uma abordagem quantitativa na coleta de dados, nos quais serão explorados os aspectos comportamentais e demais variáveis que afetam o perfil de investidor. Ao encontro do objetivo central do estudo que se caracteriza como descritivo será realizado um levantamento com foco em reunir as informações, e com isto, posteriormente, uma análise detalhada dos fatos obtidos.

O presente estudo será dividido em cinco seções, sendo a primeira a introdução, na seguinte o referencial teórico, na terceira seção verificam-se os procedimentos metodológicos da pesquisa, seguidos pela análise geral dos resultados e por fim a conclusão do estudo junto de suas recomendações futuras.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico está estruturado em três seções, sendo que a primeira trata sobre o perfil de investidor, a segunda sobre finanças comportamentais, opções de investimento e risco, e a terceira apresenta os estudos anteriores relacionados ao perfil dos investidores e no campo das heurísticas comportamentais que afetam as deliberações do agente financeiro.

2.1 PERFIL DO INVESTIDOR

Investimento pode ser denominado pela ação de alocar seus recursos em algum ativo ou projetos que visam atingir uma rentabilidade em certo período de tempo, permitindo assim, que o dinheiro trabalhe a favor do investidor com intuito de se realizar a aquisição de um bem, alcançar uma renda extra ou gerar uma reserva de emergência (GOV-CVM, 2023). No mercado financeiro, existem diversos perfis de investidor os quais estabelecem características distintas entre si e produtos recomendados para tal qual se encaixam, de modo que seguindo estas recomendações, o aplicador possa estar mais alinhado ao resultado que espera (Paiva *et al.*, 2020).

Ademais, nota-se no estudo de Borba e Reis (2022), a forma com que cada investidor investe está correlacionada diretamente com às expectativas de retorno e risco que cada perfil está disposto a correr. Ligado a isto, o perfil de investidor se fragmenta a diversas causas entre aspectos racionais e irracionais, sendo válido ressaltar ainda, que não existe um padrão fixo para se determinar o perfil de um investidor definitivamente, tendo em vista as tantas experiências e cenários que o investidor enfrenta no decorrer dos anos, fato este que evidencia a renovação da Análise de Perfil do Investidor (API) a cada 24 meses (CVM, 2013).

Segundo Junior (2019), os investidores se dividem em três categorias que podem ser definidas como: Conservador, Moderado e Arrojado. Sendo que, a partir destes perfis, pode-se direcionar certos ativos de acordo com suas particularidades e anseios. Esse teste conhecido como API pode ser fornecido e distribuído por Corretoras de Valores ou Instituições Financeiras ambos regulados pela Comissão de Valores Mobiliários (CVM)

e pelo Banco Central do Brasil (BACEN) com finalidade de nortear tanto o cliente quanto o especialista que está distribuindo o ativo (B3, 2022).

Àqueles com perfil Conservador, buscam na grande maioria das vezes assumir os menores riscos possíveis mesmo que isto signifique obter rendimentos inferiores em comparação com potenciais ativos de renda variável. Utilizam esta estratégia como uma forma de realizar a manutenção de seus respectivos patrimônios priorizando em primeiro lugar sempre a segurança em detrimento da rentabilidade (Almeida; Aguiar, 2023).

Neste sentido, o estudo de Zanotelli (2021) visou retratar o comportamento desses indivíduos em relação à forma como abordam as decisões inerentes a seus investimentos, onde foi possível evidenciar que para fins de composição de carteira os mesmos alocam seus recursos em produtos de baixo risco e de maior solidez e segurança podendo prever seus resultados sem grandes supressas, evitando assim, em parte, as oscilações do mercado. Zanotelli (2021) ainda destaca em sua pesquisa, que o produto de maior preferência para os brasileiros deste perfil é a caderneta de poupança, sendo os demais investimentos em produtos de modalidade parecida, como Fundos de Renda Fixa ou Títulos Públicos Federais, destacando-se os produtos com Fundo Garantidor de Crédito (FGC) garantia esta, vinculada ao CPF do investidor por Instituição Financeira, lhe proporcionando um teto de cobertura perante o risco de crédito incorrido em produtos financeiros como: CDB, RDC, LCI, entre outros títulos de renda fixa (Fonseca, 2021).

Ademais, quando se adentra no Perfil Moderado convém rememorar o estudo de Lassen e Santos, (2023) realizado em alunos do último ano do Curso de Gestão Financeira, oferecido pela Fatec em Osasco, onde os autores aplicaram uma pesquisa com intuito de investigar o perfil de investidor destes estudantes. Após o decorrer dos resultados foi observado pelos mesmos que o Perfil Moderado se posiciona entre meios Perfil Conservador e Arrojado, uma evidência concreta disso foi que os investidores entrevistados detinham preferência por Títulos Públicos como principal investimento, seguidos de ações e fundos imobiliários. Tal ocorrência, segundo Sarti; Oliveira; Bessa (2020), resulta de uma busca por segurança nos ativos de renda Fixa atrelado a um objetivo de se obter maiores ganhos a médio, longo prazo através dos produtos de renda

variável, configurando um perfil de estratégico que visa o equilíbrio de sua carteira de investimentos.

O principal traço do Perfil Arrojado é claramente o alto risco que lhe é associado em situações de investimento, tendo na maioria das vezes mais experiência e tempo de mercado que os demais, eles possuem um perfil complexo e uma carteira de investimentos extremamente elaborada de acordo com seus objetivos e expectativas de retorno. Outrossim, o investidor Arrojado, pode ser caracterizado como aquele sendo mais resistente à volatilidade do mercado, estando disposto a correr um alto risco em troca de maiores retornos sem se debruçar sobre as percas que possam vir a ocorrer, haja vista terem expertise e investirem num horizonte de tempo de médio a longo prazo especialmente em produtos de renda variável como: ações, derivativos e fundos de investimento multimercado (Broietti; Prado, 2023).

Considerando que os investidores possuem objetivos próprios e vivências que interferem em seu caráter e motivações na tomada de decisão, pode se dizer que os mesmos evidenciam suas escolhas não só racionalmente como também por intermédio de sentimentos e experiências prévias que podem ser definidas como às Finanças Comportamentais (Marschner; Ceretta; Ambrozini, 2024). Paralelamente, opções de investimento e seus respectivos riscos podem variar de acordo com o momento de vida e conhecimento dos investidores, conforme cita Carneiro, (2023), onde em sua pesquisa foi possível determinar que os homens possuem uma autoconfiança maior que as mulheres quando se trata de investimentos.

A partir dos trabalhos mencionados sobre perfil do investidor, identificou-se que existem três principais perfis para o mesmo, conservador, moderado e arrojado, os quais buscam orientar a tomada de decisão do aplicador conforme seus anseios e objetivos. No próximo capítulo será pautado sobre os vieses que afetam as resoluções do investidor e o que o mercado tem a oferecer de acordo com seus respectivos perfis. Ainda, será apresentado o conceito de risco e como ele está impregnado na vida cotidiana desde os primórdios da antiguidade.

2.2 FINANÇAS COMPORTAMENTAIS, OPÇÕES DE INVESTIMENTO E RISCO

As finanças comportamentais estudam como fatores psicológicos influenciam as decisões financeiras dos indivíduos, demonstrando que, muitas vezes, eles não agem de forma totalmente racional. A Teoria da Utilidade Esperada (TUE) desenvolvida por John von Neumann e Oskar Morgenstern (1944), busca representar como o investidor decide sobre um cenário de incerteza, optando assim pela alternativa que mais o oferece utilidade se caracterizando assim por uma escolha baseada na racionalidade, tendo em vista, o pensamento reflexivo e análise das opções com um olhar criterioso (Costa; Neto; Teixeira, 2021).

Segundo estudos de Cruz, Prado e Carvalho (2023), onde referenciaram fenômenos emocionais e culturais que afetam deliberações relevantes nas carteiras dos aplicadores, apresentam uma teoria alternativa em relação à decisão racional do agente quando se é levado em consideração o risco da operação em questão. Fator este, determinante para os especuladores estudados, uma vez que priorizam em maior parte, posições perdedoras em detrimento de posições ganhadoras no que diz respeito a tolerância ao risco, manifestando-se assim a “Teoria do Prospecto” publicada por Kahneman e Tversky (1979).

Segundo Bolzan e Kneipp, (2025) o mercado Financeiro é complexo devido à sua constante dinâmica, influências econômicas e diversidade de ativos, além disso, a correlação entre mercados e o avanço da tecnologia tornam a tomada de decisão um desafio contínuo para o investidor. Dessa forma, a Teoria do Prospecto idealizada por Kahneman e Tversky (1979), contesta os axiomas da Teoria da Utilidade Esperada utilizando-se de heurísticas como do efeito certeza, reflexo e isolamento, de modo que estes vieses estimulam o investidor a realizar uma escolha ilógica sem investigar previamente os dados do investimento como sugere a (TUE), induzindo-o ao erro sem que o mesmo perceba (Brito e Amaral, 2020).

Para se ilustrar os efeitos criados por Kahneman e Tversky em (1979), a pesquisa de Costa; Neto; Teixeira, (2021) buscou evidenciar a presença do Efeito Certeza em estudantes dos cursos da Escola de Administração e Negócios da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Como resultado obtiveram que dentre os averiguados na pesquisa

há uma superestimação das possibilidades que tem uma maior probabilidade de vir a ocorrer, justificando assim tal efeito.

Quanto ao Efeito Reflexão, é válido citar o levantamento feito por Ferreira *et al.* (2022) onde o mesmo relatou através de sua investigação, que os agentes em questão, quando possuem uma chance de ganho, tendem a evitar o risco, preferindo a segurança. No entanto, quando enfrentam a mesma possibilidade no campo de perdas, os mesmos optam por assumir riscos. Esse comportamento sugere que, enquanto há **aversão ao risco em situações de ganho**, há uma **propensão ao risco em situações de perda buscando evitar uma perda certa, se conjurando assim em uma aversão a perda**, o que contraria a **Teoria da Utilidade Esperada (TUE)**, que supõe que os investidores sempre apresentam aversão ao risco, independentemente da situação.

Ademais, a heurística de Isolamento, pode ser entendida quando as pessoas tendem a focar apenas nas diferenças entre as opções, ignorando os aspectos em comum, o que pode levar a escolhas inconsistentes. Como a forma de apresentar uma decisão influenciada pela percepção, os investidores podem mudar suas preferências dependendo de como a informação é estruturada, tornando a tomada de decisão menos racional (Campos *et al.*, 2024). Sendo assim, o estudo de Ferreira *et al.* (2022) retratou em um de seus quadros, que os indivíduos após uma reformulação do prospecto de maneira diferente a forma que lhes era apresentado, fez com que os estudados tivessem um comportamento oposto ao evidenciado na questão anterior. Ou seja, mesmo a situação sendo a mesma, com os mesmos aspectos e probabilidades, após serem expostos de modo alternativo, o enfoque do agente foi induzido a outra escolha, divergente do antecedente.

Além destas, Kahneman e Tversky (1979), também exibem em seu estudo que há outros fatores denominados como representatividade, disponibilidade e ancoragem, que detém efeitos relevantes sobre aspectos de tomada de decisão. A heurística da representatividade ocorre quando as pessoas avaliam situações com base na semelhança com padrões já conhecidos anteriormente, usando esses exemplos como base para tomar decisões. Esse tipo de julgamento costuma ser norteador por estereótipos, o que pode levar a conclusões precipitadas. Um exemplo disto, seria acreditar que uma empresa continuará apresentando bons resultados no futuro apenas por ter um bom desempenho no passado.

Essa forma de pensar pode influenciar negativamente decisões, principalmente em contextos financeiros, onde múltiplos fatores devem ser considerados (Ferreira *et al.*, 2024).

Ademais, quanto a concepção da Disponibilidade, de acordo com Bomfim e Orge, (2024) pode ser percebida em casos onde o investidor relaciona notícias recentes ou de fácil acesso com possíveis acontecimentos futuros de modo que evidencie suas escolhas através de informações não abrangentes. Outro fator que proporciona maior clareza no entendimento deste viés comportamental, é a Internet, uma vez que a mesma dispõe de dados e relatos constantemente aos indivíduos, sendo que os conteúdos mais virais se tornam mais acessíveis à memória, acarretando assim em uma avaliação da probabilidade de um evento com base na facilidade com que exemplos vêm à mente (Ervilha; Amaral; Russo, 2022).

Outro viés muito presente em investimentos no panorama atual é a Heurística de Ancoragem conforme afirma (Costa *et al.*, 2020). A heurística da ancoragem exerce influência relevante no processo decisório, levando os indivíduos a tomarem decisões embasadas em informações previamente apresentadas, ainda que irrelevantes ao contexto do cenário vigente. Esse efeito psicológico faz com que valores iniciais funcionem como referência, afetando a percepção de preço, qualidade ou benefício de uma opção. Como destacado no estudo, decisões não totalmente racionais são comuns diante de âncoras, especialmente quando o indivíduo não realiza cálculos completos ou considera informações aleatórias. Assim, demonstrando que a ancoragem pode ser utilizada como forma de manipulação ou delimitação no processo cognitivo humano (Costa *et al.*, 2020).

Deste modo é relevante conceituar os produtos de investimento que estão disponíveis no mercado e que analisados junto a carteira do investidor, pode ser denominado um perfil para o mesmo. De acordo com Oliveira *et al.*, (2024), as opções de investimento podem ser classificadas em duas principais categorias: renda fixa e renda variável, cada uma com particularidades, riscos e retornos diferenciados. A renda fixa propõe uma maior previsibilidade nos ganhos, tendo sua rentabilidade acrescida de maneira fixa e contínua com um foco mais em segurança em detrimento de maiores retornos. São exemplos de renda fixa as aplicações em caderneta de poupança, Tesouro

Direto, Certificado de Depósito Bancário - CDB, Letras de crédito Imobiliário e Letras de Crédito do Agronegócio. Também, o autor argumenta em seu estudo, que a maioria dos produtos de renda fixa estão protegidos pelo Fundo Garantidor de Crédito (FGC) até R\$ 250.000,00 por CPF, o que representa uma garantia caso a Instituição detentora dos títulos venha a encerrar suas carteiras (Oliveira *et al.*, 2024).

Já a renda variável, segundo Castro; Rosa; Pinheiro, (2023), é uma categoria de investimento na qual os ganhos não são fixos ou assegurados, pois dependem das flutuações do mercado. Ao contrário da renda fixa, seus retornos estão sujeitos a diversos fatores econômicos, políticos e emocionais, o que eleva os riscos, mas também pode proporcionar maiores lucros. Entre os principais ativos de renda variável estão as ações, que representam frações de empresas; os fundos imobiliários (FIIs), voltados ao setor de imóveis; os ETFs, que acompanham o desempenho de índices da bolsa, além dos Fundos em Multimercados que mesclam suas carteiras entre derivativos, renda fixa e renda variável. Esses tipos de aplicações costumam ser mais indicados para investidores com maior tolerância ao risco e objetivos de longo prazo (B3, 2024).

Outrossim, o conceito de risco, segundo estudos de Farias, Salim e Santos, (2020), está impregnado desde os primórdios na psicologia humana, de modo que, atrelado ao instinto de sobrevivência, os humanos buscavam uma recompensa (alimento) em contraposição de alguma variável, que poderia ser desde um dano físico ou uma luta pela vida. Sendo assim pode-se perceber que a concepção de risco, diferente do que muitos pensam, não se limita apenas ao risco de perda, e sim sobre um resultado diferente do esperado, ponderando tanto sobre a perda ou quanto sobre o ganho. De forma resumida, a percepção de risco influencia diretamente as decisões do investidor, conforme seu perfil e seus objetivos futuros. Esse risco pode ser reduzido por meio da diversificação dos ativos na carteira, evitando a correlação entre eles e, conseqüentemente, minimizando perdas simultâneas (Sarti; Oliveira; Bessa, 2020).

Com base nas pesquisas realizadas acerca de perfis de investidor, finanças comportamentais, alternativas de investimento e conceito de risco, notam-se variados estudos dedicados a investigar e discutir essas temáticas. Em grande parte desses trabalhos, há uma relação direta entre os assuntos abordados e os critérios utilizados na

tomada de decisão por parte dos investidores. Diante disso, o próximo capítulo trará uma abordagem mais aprofundada sobre os estudos voltados à identificação do perfil do investidor e aos fatores que influenciam suas decisões no mercado financeiro.

2.3 ESTUDOS ANTERIORES

Neste capítulo, analisou-se de maneira aprofundada os artigos publicados em bases acadêmicas do Brasil como ao exemplo de Scielo, *Sciense Direct*, Spell e da plataforma Google Acadêmico, no que diz respeito a Perfil do Investidor e à área de Finanças Comportamentais, dando maior ênfase aos retornos obtidos em cada artigo.

Nesta linha, a pesquisa de Guimarães, Kayser e Schmidt, (2021), buscou analisar o perfil, motivações e percentual de investidores na Bolsa de Valores (B3) em acadêmicos e professores da Unetri Faculdades. Os resultados apontados foram que dentre os investidores que atuam na (B3), há uma fragmentação entre os perfis, sendo: 23,3% Conservadores; 32,6% Moderados; 4,7% Arrojados sendo que 39,5% não investem na Bolsa, denota-se que a maioria tem um perfil que visa correr riscos médios e presa pela segurança de seu patrimônio e investimentos, tendo entre suas principais razões a procura por rentabilidade e a emoção que acompanha os investimentos na Bolsa de Valores.

Ainda com um olhar abrangente ao perfil de investidor e suas motivações, faz-se necessário citar o renomado estudo de Borba e Reis (2022), o qual procurou compreender o perfil, motivações e intenção da educação financeira em uma cidade da região sudeste de Minas Gerais. Sob esse prisma foi possível identificar que à luz do perfil dos participantes, que os mesmos possuem renda de até dois salários mínimos, com educação nível médio concluído e capacidade de direcionar entre 10% e 29% da sua renda mensal para aplicações financeiras, demonstrando ainda, em contraposição aos estudados no decorrer do estudo, um alto número de pessoas que não possuem sobras mensais para investir, sendo válido ressaltar assim o principal empecilho diante da pesquisa.

Ainda neste viés do estudo de Borba e Reis, (2022), entre os principais fatores que motivam este público a investir, destaca-se o desejo de adquirir bens no futuro e o interesse em majorar seu patrimônio. Também, revela-se que os agentes em questão

buscam em sua maioria investir por conta própria e sem ajuda de terceiros para lhes auxiliar ou até mesmo elaborar suas carteiras de investimentos. Ademais, o estudo evidencia uma predileção por produtos como a poupança, embora haja também uma inclinação para os títulos de capitalização, evidenciados no trabalho como opções de maior potencial de retorno seguidos de ações e debentures. Outro ponto relevante revelado na pesquisa é a dualidade comportamental do investidor, que tende a adotar uma postura mais arrojada ao lidar com recursos de terceiros ou ao recomendar produtos, mas prefere decisões mais conservadoras quando se trata de gerenciar seu próprio capital (Borba e Reis, 2022).

Nesse contexto, diante das investigações mais recentes sobre os perfis de investidores, Almeida e Aguiar (2023), propuseram-se a analisar o Perfil, estímulos para investir e os principais produtos do mercado financeiro brasileiro para cada perfil de investidor. Como principais achados, os autores constataram que prevalece o perfil Conservador muito devido à falta de conhecimento do mercado e ao desejo de manutenção de patrimônio ao investir, demonstrando, ainda, uma baixa tolerância ao risco. Ademais, o estudo evidencia uma inclinação por produtos como a poupança, e outros títulos de renda fixa que contam com proteção do (FGC), culminando em uma carteira de investimentos mais segura evitando as flutuações do mercado financeiro. Igualmente, quanto a investimentos mais aderentes ao perfil moderado notou-se uma queda por produtos de baixo risco, todavia, com um apetite por uma rentabilidade maior, como ao exemplo de Letras de Crédito ou Fundos de Investimento. Já o perfil arrojado, em contraste a tudo isto, buscam retornos mais elevados e estão dispostos a assumir grande risco, tendo suas aplicações principalmente em ações, fundos imobiliários e criptomoedas.

No que fere o campo das finanças comportamentais e sua influência na tomada de decisão, cabe citar o trabalho de Barros e Fujiwara (2024), onde os autores investigaram 211 alunos graduandos e pós-graduandos de universidades de Minas Gerais e São Paulo com foco em contribuir para os temas de personalidade e vieses comportamentais nos processos decisórios. Com os resultados adquiridos na pesquisa os pesquisadores revelaram que os perfis dos respondentes são majoritariamente jovens e com formação

em ciências exatas, demonstraram forte presença de vieses cognitivos, especialmente o viés da representatividade (78,8%) e do enquadramento (57,9%). A pesquisa também identificou que os traços de personalidade mais comuns foram extroversão (28,9%) e abertura (25,1%), sugerindo um perfil mais ativo e curioso podendo ser propenso ao risco. Observou-se que indivíduos com maiores níveis de estabilidade e socialização apresentaram relação positiva com a heurística da representatividade. Por fim o estudo revelou que suas características pessoais e de personalidade interferem fortemente no processo de tomada de decisão.

A partir dos estudos mencionados, identificou-se que o perfil do investidor brasileiro é marcado por uma predominância conservadora, reflexo da busca por segurança, da baixa tolerância ao risco e da limitada educação financeira. Observou-se também que, mesmo entre os investidores com maior apetite por rentabilidade, há preferência por produtos protegidos e de menor volatilidade. Além disso, os achados no campo das finanças comportamentais revelam que características individuais, traços de personalidade e vieses cognitivos exercem influência significativa sobre o processo decisório. Dessa forma, conclui-se que compreender o perfil do investidor exige uma análise que vá além dos aspectos econômicos, considerando também fatores psicológicos e comportamentais que impactam diretamente suas escolhas no mercado financeiro.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Segundo Marconi e Lakatos (2010), a metodologia consiste em um conjunto de métodos e processos organizados que norteiam a pesquisa em direção aos seus objetivos, estruturando todas as seções do estudo, desde a definição do problema até a análise dos resultados, o que assegura a eficácia da pesquisa. Neste capítulo será abordado quanto aos procedimentos metodológicos da pesquisa, sendo fracionados entre a abordagem ao problema, os objetivos, os procedimentos e a população estudada, utilizados com foco em delinear este trabalho de encontro a seus objetivos.

O presente estudo no que diz respeito a abordagem do problema, é classificado como quantitativo, uma vez que possuindo um conhecimento prévio dos objetos de

estudo, pode-se definir com certa exatidão o problema da pesquisa. Deste modo, a pesquisa trouxe dados e teorias que atuam sobre determinado tema e a partir destas foi possível analisar e determinar a generalização de certa população estudada (Silva; Lopes; Junior, 2014). Ademais, Marconi e Lakatos (2010) destacam ainda que o principal objetivo de uma pesquisa quantitativa é reunir e analisar informações de maneira quantificada, se baseando em métodos estatísticos para explicar e prever fenômenos podendo assim medir variáveis ou estabelecer padrões e relações entre os mesmos.

Quanto ao objetivo do trabalho, caracteriza-se como descritiva, que de acordo com Gil, (2010), uma pesquisa descritiva traz em seu escopo uma abordagem com propósito, tal qual próprio nome já revela, de descrever aspectos, comportamentos, atitudes ou opiniões, de uma maneira detalhada e sistemática.

No que diz respeito ao procedimento utilizado nesta pesquisa, foi realizado através de um levantamento, onde conforme Gil (2010), identifica-se como uma técnica onde a coleta de dados é obtida diretamente com os respondentes por meio de questionários, sendo aproveitada de forma ampla e eficaz em estudos quantitativos, visto que os dados podem ser organizados numericamente sejam em tabelas ou gráficos.

A amostragem desta pesquisa é constituída como não probabilística, que conforme Marconi e Lakatos (2010), é mais prática devido depender da decisão do pesquisador, todavia não pode ser generalizada, tendo em vista que é o pesquisador quem define as variáveis e elementos que julga mais representativos para o estudo em questão. Desta maneira, a amostra selecionada para o estudo em questão foi de 236 respondentes.

A população deste estudo é composta por 133.679 habitantes, número correspondente ao total de moradores das 21 cidades que integram a região Celeiro do Rio Grande do Sul, conforme dados do IBGE (2022). Foram considerados indivíduos com 18 anos ou mais, que possuem recursos aplicados em algum produto de investimento financeiro e que residem nessa região localizada no noroeste do estado. Compõem a região os municípios de Barra do Guarita, Bom Progresso, Braga, Campo Novo, Chiapetta, Coronel Bicaco, Crissiumal, Derrubadas, Esperança do Sul, Humaitá, Inhacorá, Miraguaí, Redentora, Santo Augusto, São Martinho, São Valério do Sul, Sede Nova, Tenente Portela, Tiradentes do Sul, Três Passos e Vista Gaúcha.

Com base nesse parametro populacional, a pesquisa contou com a participação de 270 respondentes, representando um bom alcance dentro da região Celeiro do Rio Grande do Sul. Destes, 34 participantes foram excluídos por não residirem na área delimitada pelo estudo, resultando em 236 respostas válidas para análise.

O instrumento de coleta de dados desta pesquisa foi operacionalizado através de um questionário elaborado no “*google forms*” e estruturado com 22 questões, das quais 8 tinham como intuito, revelar o perfil dos respondentes, 9 com objetivo de identificar o perfil de investidor da amostra, e 5 questões com foco em entender os vieses cognitivos que influenciam a tomada de decisão dos indivíduos estudados. Outrossim, o questionário foi encaminhado em meados agosto a setembro do ano de 2025, de maneira individual tanto via *WhatsApp* como via *e-mail*, tendo também, sua divulgação em grupos de investidores visando uma metodologia “*bola de neve*” para com os entrevistados. Por fim, fora disponibilizado em demais redes sociais, atraindo um maior público e credibilidade para os resultados da pesquisa.

O questionário aplicado foi configurado a partir dos estudos de Haubert; Lima; Lima, (2014) intitulado “Finanças Comportamentais: Uma investigação com base na Teoria do Prospecto e no Perfil de Investidor de estudantes de cursos stricto sensu Portugueses” o qual possuía como foco compreender o comportamento dos estudantes de stricto sensu no campo de investimentos por meio das finanças comportamentais.

Ademais, também fora adaptado com base no trabalho de Castro, (2011) que se denomina “Análise do perfil do investidor: Desenvolvimento e validação de questionário padrão” que detinha como objetivo central desenvolver um questionário que permita categorizar os investidores de instituições financeiras com base em suas características individuais com ênfase no apetite a risco de cada um.

Concluída a coleta de dados, os mesmos foram tabulados e analisados por meio da ferramenta *Excel*, a qual permitiu a conversão, através da estatística descritiva univariadas, das informações obtidas, em percentuais, médias e porcentagens de outros resultados. Após a organização dos dados, os resultados da análise foram apresentados em forma de tabelas seguindo a ordem do questionário para melhor entendimento do

leitor. Ademais, ressalta-se que o questionário aplicado foi submetido ao Comitê de Ética de Pesquisa, e após sua aprovação, foi aplicado.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS OBTIDOS

Nesta seção, será apresentado os principais achados deste estudo. Sendo analisado em primeiro tópico o perfil dos respondentes, após, seus respectivos perfis de investidor e por fim os critérios de decisão de investimento utilizados pelos mesmos.

4.1 PERFIL DOS RESPONDENTES

A seguir apresenta-se os dados que se referem ao perfil dos participantes da pesquisa, abrangendo aspectos como faixa etária, gênero, nível de escolaridade, tipos de investimentos realizados, frequência de investimentos, além da renda individual e familiar.

Tabela 01 - Perfil dos respondentes.

Possui investimentos	Nº	%
Sim, investimentos de renda fixa.	93	39,41%
Sim, investimentos de renda variável.	14	5,93%
Sim, investimentos de renda fixa e variável.	64	27,12%
Não.	65	27,54%
Total	236	100,00%
Qual nível de escolaridade mais alto que você completou?	Nº	%
Ensino médio.	42	24,56%
Ensino técnico.	8	4,68%
Ensino superior.	67	39,18%
Pós-graduação.	53	30,99%
Mestrado/Doutorado.	1	0,58%
Nenhuma das alternativas.	0	0,00%
Total	171	100,00%
Nos últimos 3 anos, com que frequência você investiu?	Nº	%

Não investi.	2	1,17%
1 vez ao ano.	37	21,64%
A cada 3 meses.	55	32,16%
Todos os meses.	77	45,03%
Total	171	100,00%

Fonte: Dados da pesquisa (2025)

A pesquisa contou com a participação de 270 respondentes, representando um bom alcance dentro da região Celeiro do Rio Grande do Sul. Destes, 34 participantes foram excluídos por não residirem na área delimitada pelo estudo, resultando em 236 respostas válidas. Entre esses, 65 afirmaram não possuir nenhum tipo de investimento, o que fez com que 171 respostas fossem efetivamente consideradas para a análise do perfil de investidor conforme evidenciado na tabela 01. Essa filtragem assegura que o estudo mantenha foco apenas no público com envolvimento direto com o mercado financeiro, preservando a conformidade e credibilidade dos resultados obtidos.

A presença de um grupo expressivo de pessoas que ainda não investem (27,5%) revela um ponto relevante sobre o cenário financeiro da região: mesmo com o avanço da tecnologia e o fácil acesso às informações, muitos indivíduos ainda demonstram insegurança ou falta de conhecimento sobre como iniciar seus investimentos. Tal ponto pode ser justificado pela falta de conhecimento financeiro, renda observada ou até devido ao atual cenário econômico do país, que se revela um tanto desafiador quando evidenciado a alta taxa de inadimplência nacional, parametrizada em 78,8 milhões de endividados conforme dados de junho (SERASA, 2025).

Quanto ao nível de escolaridade representado na tabela 01, destaca-se que 70% dos participantes possuem ensino superior ou pós-graduação, evidenciando que o investimento financeiro tende a ser mais frequente entre indivíduos com maior grau de instrução. Essa relação sugere que a educação formal pode contribuir significativamente para o interesse e a confiança na aplicação de recursos no mercado financeiro. Outrossim, observou-se que 72% dos respondentes afirmaram possuir algum tipo de investimento, sendo 39% em renda fixa e 27% em renda fixa e variável, o que demonstra uma preferência por produtos de menor risco e previsibilidade de retorno.

Tabela 02 - Perfil dos respondentes.

Idade	Nº	%
18 a 25 anos	103	43,64%
26 a 35 anos	72	30,51%
36 a 45 anos	38	16,10%
46 anos ou mais	23	9,75%
Total	236	100,00%
Gênero	Nº	%
masculino	126	53,39%
feminino	110	46,61%
outro(a)	0	0,00%
Total	236	100,00%

Fonte: Dados da pesquisa (2025)

A partir da análise dos dados coletados na tabela 02, verifica-se que a maior parte dos respondentes se encontra na faixa etária de 18 a 35 anos, representando aproximadamente 75% da amostra total. Esse resultado demonstra que o público investidor da região é predominantemente jovem, o que pode estar relacionado ao maior acesso à informação e às plataformas digitais de investimento, além de poder estar conectado à rede de influência dos pesquisadores. Em termos de gênero, observou-se um equilíbrio entre homens (53%) e mulheres (47%), refletindo uma tendência de inclusão feminina nas práticas de investimento, que historicamente eram mais associadas ao público masculino.

Tabela 03 - Perfil dos respondentes.

Frequência de investimentos nos últimos 3 anos	Nº	%
Não investi.	2	1,17%
1 vez ao ano.	37	21,64%
A cada 3 meses.	55	32,16%
Todos os meses.	77	45,03%

Total	171	100,00%
Renda mensal individual	Nº	%
Não possui renda individual.	3	1,75%
Até R\$ 1.518,00.	4	2,34%
De R\$ 1.518,00 a R\$ 3.036,00.	31	18,13%
De R\$ 3.036,00 a R\$ 4.554,00.	66	38,60%
De R\$ 4.554,00 a R\$ 10.000,00.	50	29,24%
Acima de R\$ 10.000,00.	17	9,94%
Total	171	100,00%
Renda mensal familiar	Nº	%
Até R\$ 1.518,00.	2	1,17%
De R\$ 1.518,00 a R\$ 3.036,00.	8	4,68%
De R\$ 3.036,00 a R\$ 4.554,00.	18	10,53%
De R\$ 4.554,00 a R\$ 10.000,00.	70	40,94%
Acima de R\$ 10.000,00.	73	42,69%
Total	171	100,00%

Fonte: Dados da pesquisa (2025)

No que se refere à renda do público estudado, foi evidenciado na tabela 03 que a maior concentração de investidores se encontra nas faixas entre R\$ 3.036,00 e R\$ 10.000,00 de renda individual e familiar, o que evidencia um perfil de investidor de classe média, com capacidade de destinar parte de sua renda para aplicações financeiras. Além disso, 45% afirmaram investir mensalmente, o que reflete um comportamento de investimento contínuo e disciplinado. Esse resultado demonstra um amadurecimento financeiro da população local, embora ainda existam oportunidades de aprimorar a diversificação das carteiras e o conhecimento sobre demais produtos disponíveis no mercado financeiro.

4.2 PERFIL DE INVESTIDOR DOS INVESTIDORES.

A presente seção expõe os resultados referentes ao perfil dos investidores da região Celeiro do Rio Grande do Sul, abordando aspectos relacionados ao comportamento

financeiro, objetivos de investimento, nível de conhecimento sobre o mercado, percepção de risco e preferências quanto à preservação de capital. Busca-se, por meio dessa análise, compreender de forma detalhada como os respondentes se posicionam diante de decisões financeiras e quais características predominam entre os diferentes perfis de risco identificados na amostra.

Tabela 01 - Perfil de Investidor dos investidores.

Valor que gostaria de ter disponível para resgate a qualquer momento	Nº	%
100% dos valores.	72	42,11%
50% dos valores.	58	33,92%
25% dos valores.	27	15,79%
10% dos valores.	14	8,19%
Total	171	100,00%
Valor que possui investido representa que percentual do seu patrimônio	Nº	%
Até 25%.	111	64,91%
Entre 25% e 50%.	24	14,04%
Entre 50% e 75%.	23	13,45%
Acima de 75%.	13	7,60%
Total	171	100,00%

Fonte: Dados da pesquisa (2025)

A partir da análise dos dados coletados na tabela 01 referente a seção Perfil de Investidor dos investidores, observa-se que 42,11% dos investidores desejam ter 100% de seus valores disponíveis para resgate a qualquer momento, enquanto 33,92% optam por manter metade de seus recursos com liquidez imediata. Esse comportamento revela uma postura cautelosa e de preferência pela segurança financeira, característica que vai ao encontro do perfil conservador predominante entre os investidores brasileiros, conforme apontado por Almeida e Aguiar (2023), que destacam a busca por preservação de capital em detrimento de maiores rendimentos. Tal tendência é reforçada ao observar que valor do patrimônio possuem investido, onde 64,91% dos respondentes afirmam possuir até 25% de seu patrimônio investido, o que demonstra uma exposição moderada ao risco e condiz com o comportamento racional descrito por Junior (2019) no perfil

conservador, em que a prioridade é manter a estabilidade financeira e evitar perdas significativas.

Tabela 02 - Perfil de Investidor dos investidores.

Opção que melhor define os objetivos de seus investimentos	Nº	%
Quero preservar o meu dinheiro com o menor risco possível.	90	52,63%
Quero ter rendimentos maiores a médio e longo prazo e estou disposto a assumir riscos moderados.	72	42,11%
Quero ter rendimentos acima da média do mercado, mesmo que tenha que para isso correr riscos maiores.	9	5,26%
Total	171	100,00%

Fonte: Dados da pesquisa (2025)

No que tange aos objetivos de investimento exemplificados na tabela 02, a maioria (52,63%) busca preservar o dinheiro com o menor risco possível, enquanto 42,11% estão dispostos a assumir riscos moderados em busca de maiores rendimentos a médio e longo prazo. Apenas 5,26% demonstram perfil arrojado, com apetite para retornos acima da média. Essa distribuição reafirma o predomínio da aversão ao risco na amostra, conforme discutido por Sarti, Oliveira e Bessa (2020), os quais ressaltam que investidores tendem a ponderar mais a segurança do que o potencial de ganho. Ademais, o comportamento encontrado vai de encontro às finanças comportamentais apresentadas por Kahneman e Tversky (1979), que associam tal postura à “Teoria do Prospecto”, onde o medo da perda exerce maior peso psicológico que o prazer do ganho, influenciando fortemente as decisões de investimento.

Tabela 03 - Perfil de Investidor dos investidores.

Formação ou experiência em investimentos	Nº	%
Limitada: tenho pouca experiência.	61	35,67%
Moderada: tenho alguma experiência.	74	43,27%
Extensa: sinto-me seguro em tomar minhas decisões de investimento e estou apto a entender e ponderar os riscos associados.	36	21,05%
Total	171	100,00%
As plataformas de investimento são muito difíceis de entender	Nº	%

Discordo totalmente.	20	11,70%
Discordo parcialmente.	91	53,22%
Concordo parcialmente.	51	29,82%
Concordo totalmente.	9	5,26%
Total	171	100,00%

Fonte: Dados da pesquisa (2025)

Quanto ao nível de conhecimento e experiência, nota-se na tabela 03, que 43,27% afirmam possuir experiência moderada, enquanto 35,67% relatam pouca familiaridade com o mercado financeiro, e apenas 21,05% se consideram experientes. Esse dado evidencia uma lacuna de conhecimento entre parte significativa dos investidores, corroborando as afirmações de Borba e Reis (2022), que identificaram a falta de educação financeira como um dos principais fatores limitantes para decisões mais estratégicas e diversificadas. Ainda, na tabela 03, observa-se que 64,92% discordam, parcial ou totalmente, de que as plataformas de investimento são difíceis de entender, o que sugere um avanço gradual na adaptação tecnológica, embora ainda restrito a indivíduos mais experiente.

Tabela 04 - Perfil de Investidor dos investidores.

Fica mais confortável ao colocar seu dinheiro na poupança do que no mercado de ações	Nº	%
Discordo totalmente.	22	12,87%
Discordo parcialmente.	38	22,22%
Concordo parcialmente.	62	36,26%
Concordo totalmente.	49	28,65%
Total	171	100,00%
Quando penso em (risco), a palavra (perda) me vem logo a mente.	Nº	%
Discordo totalmente.	25	14,62%
Discordo parcialmente.	43	25,15%
Concordo parcialmente.	67	39,18%
Concordo totalmente.	36	21,05%
Total	171	100,00%

Fonte: Dados da pesquisa (2025)

Outro ponto relevante da pesquisa está relacionado à preferência por segurança na aplicação dos recursos, tendo em vista os dados referidos na tabela 04, onde 64,91% dos respondentes concordam, total ou parcialmente, que se sentem mais confortáveis aplicando na poupança do que no mercado de ações. Esse resultado reafirma a conclusão de Zanotelli (2021), que aponta a poupança como o investimento de maior preferência entre brasileiros conservadores, principalmente pela previsibilidade e ausência de volatilidade. Em contrapartida, quando questionados sobre a associação entre “risco” e “perda”, 60,23% concordam com essa relação, o que está alinhado à “aversão à perda” discutida por Ferreira et al. (2022), o que demonstra que o sentimento de medo tende a prevalecer sobre a lógica comportamental das decisões financeiras quanto ao conceito de risco refletido no estudo de (Farias; Salim; Santos, 2020).

Tabela 05 - Perfil de Investidor dos investidores.

Em termos de investimento, preservação de capital é mais importante do que que retornos.	Nº	%
Discordo totalmente.	7	4,09%
Discordo parcialmente.	33	19,30%
Concordo parcialmente.	86	50,29%
Concordo totalmente.	45	26,32%
Total	171	100,00%
Em seus investimentos, você prefere.	Nº	%
Conservador (baixo risco).	99	57,89%
Moderado (médio risco).	64	37,43%
Agressivo (alto risco).	8	4,60%
Total	171	100,00%

Fonte: Dados da pesquisa (2025)

Por fim, ao analisar diretamente o **perfil de risco declarado**, constata-se na tabela 05 que **57,89% dos investidores se identificam como conservadores, 37,43% como moderados** e apenas **4,68% como agressivos**. Esse achado reforça o predomínio de uma postura prudente entre os respondentes e reflete a tendência nacional identificada por

Almeida e Aguiar (2023) e Paiva et al. (2020), em que a maioria dos investidores brasileiros busca produtos de menor risco e maior previsibilidade. Ainda, tal resultado vai de encontro ao encontrado por Guimarães, Kayser e Schmidt, (2021), onde revelaram um grande grupo de investidores moderados com características conservadoras uma vez que priorizam em primeiro lugar a segurança de seu patrimônio e investimentos. Contudo, tais investidores possuem um considerável apetite por risco, o que pode ser justificado pelo anseio por rentabilidade e emoção que acompanha os investimentos em renda variável.

Em complemento, quando questionados se a **preservação do capital é mais importante do que os retornos, 76,61% dos participantes concordaram total ou parcialmente**, evidenciando novamente uma forte inclinação à segurança patrimonial em detrimento de maiores lucros. Esse comportamento confirma o apontado por **Sarti, Oliveira e Bessa (2020)**, ao destacarem que o investidor médio brasileiro tende a associar sucesso financeiro à estabilidade e não à exposição ao risco.

Assim, os resultados obtidos reforçam que, mesmo diante de um cenário de fácil acesso à informação e maior disseminação de conteúdos sobre investimentos, a forma de pensar do investidor da região Celeiro do Rio Grande do Sul ainda é fortemente guiada pela aversão ao risco e pela preferência por estabilidade. Nota-se que a segurança financeira continua sendo vista como prioridade, prevalecendo sobre o desejo de ganhos mais altos. Esse comportamento revela que, embora o mercado ofereça novas oportunidades, o perfil predominante dos investidores locais segue pautado por escolhas mais seguras e pela busca de tranquilidade diante das incertezas econômicas, o que confirma as características do perfil conservador amplamente discutidas na literatura deste estudo.

4.3 CRITÉRIOS DE DECISÃO DE INVESTIMENTO.

Esta seção apresenta os resultados referentes ao comportamento dos investidores da região Celeiro do Rio Grande do Sul diante de situações de ganho e perda. Busca-se compreender como reagem frente ao risco e às variações do mercado, evidenciando a

influência de fatores emocionais e cognitivos no processo decisório e identificando a presença de vieses comportamentais como os descritos na Teoria do Prospecto.

Tabela 01 - Critérios de decisão de investimento.

Suponha que seu investimento após um certo tempo de valorização tivesse uma queda de 15%, então você:	Nº	%
Investiria mais.	15	8,77%
Ficaria de alguma forma preocupado, mas não tomaria qualquer ação.	64	37,43%
Transferiria parte dos recursos para investimentos menos arriscados.	71	41,52%
Resgataria integralmente o investimento.	21	12,28%
Total	171	100,00%

Fonte: Dados da pesquisa (2025)

Ao analisar as reações dos investidores na tabela 01 do tópico de critérios de investimento, quando diante de uma queda hipotética de 15% em seus investimentos, observa-se que a maioria tende a agir de forma cautelosa. Cerca de 41,52% transfeririam parte dos recursos para aplicações menos arriscadas, enquanto 37,43% optariam por acompanhar o mercado sem realizar mudanças imediatas. Apenas uma pequena parcela, de 8,77%, investiria mais, e 12,28% resgataria integralmente o valor aplicado. Esse comportamento reforça o predomínio de perfis conservadores entre os investidores da região Celeiro do Rio Grande do Sul, os quais, mesmo diante de oportunidades de recuperação, priorizam a preservação do patrimônio em detrimento de possíveis ganhos futuros. Essa postura vai ao encontro aos apontamentos de Kahneman e Tversky (1979) quanto ao “efeito reflexo”, segundo o qual os indivíduos tendem a evitar riscos em contextos de perda, preferindo alternativas que garantam maior estabilidade.

Tabela 02 - Critérios de decisão de investimento.

Como você se sentiria caso seus investimentos enfrentassem uma significativa queda.	Nº	%
Me sentiria tranquilo, pois sabia que isso poderia ocorrer.	18	10,53%
Me sentiria desconfortável, mas sabia que isso poderia ocorrer.	80	46,78%
Me sentiria mal e reavaliaria parte desse investimento.	50	29,24%

Me sentiria muito mal e sairia desse investimento.	23	13,45%
Total	17	100,00
	1	%

Fonte: Dados da pesquisa (2025)

No que se refere às emoções associadas às variações negativas no valor dos investimentos, nota-se na tabela 02, que 46,78% dos respondentes se sentiriam desconfortáveis, embora conscientes da possibilidade de perda, e 29,24% reavaliariam parte de suas aplicações, enquanto apenas 10,53% se declararam tranquilos diante da situação. Esses resultados evidenciam um comportamento prudente, no qual o medo da perda ainda exerce influência significativa sobre a tomada de decisão. De modo semelhante ao observado por Ferreira et al. (2022), a aversão à perda mostra-se presente entre os investidores da região Celeiro do Rio Grande do Sul, uma vez que o desconforto emocional provocado pela desvalorização tende a ser mais marcante do que a satisfação vinda de ganhos equivalentes. Essa tendência também está de acordo com a pesquisa de Borba e Reis (2022), que associam decisões mais conservadoras à falta de experiência e ao receio de errar, resultando em uma postura que privilegia a segurança e o controle diante da incerteza do mercado.

Tabela 03 - Critérios de decisão de investimento.

Qual a alternativa hipotética atenderia melhor sua expectativa de retorno	Nº	%
Situação favorável: ganhar 13% e desfavorável: ganhar 13%.	37	21,64%
Situação favorável: ganhar 18% e desfavorável: manter o capital.	67	39,18%
Situação favorável: ganhar 30% e desfavorável: perder até 5% do capital.	52	30,41%
Situação favorável: ganhar 45% e desfavorável: perder até 15% do capital.	15	8,77%
Total	171	100,00%

Fonte: Dados da pesquisa (2025)

Em relação às expectativas de retorno descritos na tabela 03, observou-se que 39,18% dos investidores optaram por cenários que garantem ganhos de 18% sem risco de perda, enquanto 30,41% aceitariam uma perda de até 5% do capital em troca de um rendimento de 30%. Além disso, 21,64% demonstraram preferência por ganhos de 13%

garantidos, sem qualquer possibilidade de variação, reforçando ainda mais a presença de um perfil que prioriza a previsibilidade. Esses resultados indicam que, embora a maior parcela dos investidores da região Celeiro do Rio Grande do Sul revele uma postura predominantemente conservadora, há também um grupo significativo que apresenta traços de moderação e certa disposição ao risco. Tal comportamento vai ao encontro das observações de Zanutelli (2021), que ressalta o equilíbrio entre segurança e rentabilidade como característica essencial desse perfil, além de refletir parcialmente o “efeito certeza” proposto por Kahneman e Tversky (1979), no qual o investidor tende a supervalorizar alternativas mais seguras, mesmo reconhecendo as oportunidades associadas a maiores ganhos.

Tabela 04 - Critérios de decisão de investimento.

Escolha uma entre as duas possibilidades abaixo.	Nº	%
Um bilhete de loteria com probabilidade de 25% de ganhar \$4.000,00.	54	31,58%
Um bilhete de loteria com probabilidade de 45% de ganhar \$2.000,00.	117	68,42%
Total	171	100,00%
Escolha uma entre as duas possibilidades abaixo.	Nº	%
A probabilidade de 25% de perder \$4.000,00.	110	64,33%
A probabilidade de 45% de perder \$2.000,00.	61	35,67%
Total	171	100,00%

Fonte: Dados da pesquisa (2025)

Por fim, ao analisar a tabela 04, quando expostos a escolhas hipotéticas de ganho e perda, 68,42% dos respondentes optaram pelo bilhete de loteria com 45% de chance de ganhar \$2.000,00, em vez de 25% de chance de ganhar \$4.000,00. Contudo, ao inverter o cenário para perdas, 64,33% preferiram a probabilidade de 25% de perder \$4.000,00, enquanto 35,67% escolheram a chance de 45% de perder \$2.000,00. Esse resultado revela um comportamento assimétrico, característico do “efeito reflexo” descrito por Kahneman e Tversky (1979), no qual investidores evitam riscos em situações de ganho, mas os aceitam mais facilmente em contextos de perda. Tal achado converge com a análise de Barros e Fujiwara (2024), que identificaram forte presença de vieses cognitivos entre

jovens investidores, e reforça que, mesmo entre os participantes da região Celeiro do Rio Grande do Sul, a racionalidade nas decisões é fortemente influenciada pela forma como o risco é percebido e apresentado.

De modo geral, os resultados indicam que os investidores da região Celeiro do Rio Grande do Sul mantêm um comportamento fortemente orientado pela aversão ao risco e pela preservação do capital, características que dialogam com a predominância do perfil conservador evidenciada em pesquisas anteriores. Ainda que parte dos respondentes demonstre abertura a oportunidades de maior rentabilidade, as decisões continuam guiadas pela prudência e pela necessidade de previsibilidade, aspectos que, conforme Kahneman e Tversky (1979), explicam como fatores emocionais e cognitivos moldam as escolhas financeiras, mesmo em contextos de crescente acesso à informação e tecnologia.

5 CONCLUSÃO

O presente estudo teve como objetivo identificar o perfil dos investidores da região Celeiro do Rio Grande do Sul, analisando suas preferências, percepções e comportamentos diante de diferentes cenários de risco e retorno. Por meio da aplicação de um questionário estruturado, buscou-se compreender de que forma aspectos emocionais, cognitivos e socioeconômicos influenciam as decisões de investimento. De modo geral, os resultados apontaram uma predominância do perfil conservador, marcado pela preferência por segurança e liquidez, ainda que se observem traços moderados em parte significativa dos respondentes, o que revela uma mudança gradual no comportamento financeiro da região.

Os resultados demonstraram que 57,89% dos participantes se identificam como investidores conservadores, enquanto 37,43% apresentam perfil moderado e apenas 4,68% se consideram arrojados. Além disso, 76,61% afirmaram que a preservação do capital é mais importante do que o retorno, reforçando a tendência de priorização pela estabilidade financeira. Observou-se também que 42,11% dos respondentes desejam ter 100% dos valores disponíveis para resgate a qualquer momento, e 64,91% possuem até

25% do patrimônio investido, o que demonstra baixa exposição ao risco. Esses números refletem um comportamento típico de investidores prudentes, guiados pela aversão à perda e pela busca de segurança patrimonial, conforme discutido por autores como Kahneman e Tversky (1979) e Sarti, Oliveira e Bessa (2020).

Contudo, ao analisar mais detalhadamente as respostas, é possível identificar que parte dos investidores da região Celeiro do Rio Grande do Sul demonstra sinais de moderação. Aproximadamente 42,11% dos participantes afirmaram estar dispostos a assumir riscos moderados em busca de melhores rendimentos a médio e longo prazo, e 30,41% aceitariam pequenas perdas de até 5% do capital em troca de ganhos de 30%. Esses resultados evidenciam um público em transição, que embora ainda valorize a segurança, começa a apresentar maior abertura ao risco, possivelmente em razão do aumento do acesso à informação financeira e à diversificação de produtos de investimento disponíveis no mercado. Assim, os investidores moderados destacam-se como um grupo em crescimento, que equilibra cautela e busca por rentabilidade, indicando um amadurecimento gradual do comportamento financeiro na região.

Como limitação do estudo, destaca-se que a pesquisa foi realizada apenas na região Celeiro do Rio Grande do Sul, o que pode reduzir a possibilidade de aplicar esses resultados a outras partes do país. Além disso, o estudo baseou-se em respostas dadas pelos próprios participantes, o que pode ter gerado percepções influenciadas por opiniões pessoais ou pela forma como cada um interpreta as perguntas. Outro ponto importante é que a pesquisa foi feita em um período específico, sem considerar possíveis mudanças no comportamento dos investidores diante de novas situações econômicas ou políticas.

Para estudos futuros, recomenda-se ampliar a amostra para diferentes regiões do estado e do Brasil, permitindo comparar contextos variados e identificar possíveis diferenças entre os perfis de investidores. Também é interessante analisar como fatores como idade, gênero, escolaridade e renda influenciam o modo de investir, além de investigar o papel da educação financeira na disposição ao risco. A inclusão de métodos qualitativos, como entrevistas e grupos de conversa, pode ajudar a entender melhor as emoções e percepções que afetam as decisões dos investidores brasileiros.

CONEXÃO

Revista Conexão, n. 1, v.13, 2025

Revista dos Cursos de Gestão e
Tecnologia do Centro Universitário UCEFF

ISSN 2357-9196

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, L. A.; AGUIAR, J. A. S. Análise do perfil do investidor: tipos de investimentos. 2023. Acesso em: 20 abr. 2025.

ANBIMA. Investimentos dos brasileiros ultrapassam R\$ 7,22 trilhões e avançam 11,5% em 2024. Disponível em: https://www.anbima.com.br/pt_br/noticias/investimentos-dos-brasileiros-ultrapassam-r-7-22-trilhoes-e-avancam-11-5-em-2024.htm. Acesso em: 2 abr. 2025.

ANBIMA. Investimentos dos brasileiros crescem 12,6% e chegam a R\$ 7,3 trilhões em 2024. Disponível em: https://www.anbima.com.br/pt_br/noticias/investimentos-dos-brasileiros-crescem-12-6-e-chegam-a-r-7-3-trilhoes-em-2024.htm. Acesso em: 5 abr. 2025.

BARROS, T. S.; FUJIWARA, A. S. Personalidade e risco: uma análise dos processos de tomada de decisão à luz das finanças comportamentais. *Revista Organizações em Contexto*, v. 17, n. 33, p. 275–303, 2024. DOI: 10.15603/2176-0985/roc.v17n33p275-303.

BOLZAN, A. G.; KNEIPP, L. Comportamento dos investidores no mercado financeiro no Brasil no primeiro trimestre de 2023 e 2024. *Disciplinarum Scientia – Sociais Aplicadas*, v. 21, n. 1, p. 227–250, 2025. DOI: 10.37778/dscsa.v21i1.5204.

BORBA, L. F.; REIS, D. L. Potenciais investidores no mercado financeiro: perfil, motivações e preferências. *Caderno de Administração*, v. 30, n. 2, p. 60–75, 2022.

BOMFIM, T.; ORGE, C. A percepção do investimento doméstico a partir da heurística da disponibilidade em estudantes de Administração e Ciências Contábeis da UNEB, Campus I. *Scientia: Revista Científica Multidisciplinar*, v. 9, n. 1, p. 41–60, 2024.

BROTIETTI, C.; PRADO, G. A. Decisão de investidor: a influência da informação contábil na decisão de investidores não profissionais. *Contabilometria*, v. 10, n. 1, p. 80–96, jan./jun. 2023.

CARNEIRO, L. A. Questões de gênero e decisões de investimento: estudo empírico para o mercado financeiro do Brasil. [S. l.], [s. n.], [s.d.].

CASTRO, L. N. V. Análise do perfil do investidor: desenvolvimento e validação de questionário padrão. 2011. 150 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

CASTRO, M. C. C. S.; ROSA, E. N.; PINHEIRO, J. L. A influência da taxa de juros na tomada de decisão do investidor: uma análise da movimentação entre fundos de renda fixa e renda variável. *Revista Gestão & Tecnologia*, v. 23, n. 4, p. 76–97, 2023.

CESCON, J. A.; DECOURT, R. F.; LUCIANA. Análise do processo decisório dos investidores e analistas do mercado financeiro em relação às ações de empresas com patrimônio líquido negativo. *Revista Contemporânea de Contabilidade*, v. 17, n. 43, p. 51–70, 2020.

COSTA, E. A. Q.; SOUZA, D. S.; AMARAL, I. S. Gestão de Finanças Pessoais: uma vida economicamente correta. *Caderno de Graduação - Ciências Humanas e Sociais - UNIT - SERGIPE*, v. 6, n. 3, p. 71, 2021.

COSTA, L. L. G.; NETO, L. F. F.; TEIXEIRA, W. M. T. Finanças Comportamentais e a Teoria do Prospecto. *Encontro Internacional de Gestão, Desenvolvimento e Inovação (EIGEDIN)*, v. 5, n. 1, 2021.

CVM. Instrução nº 539, de 13 de novembro de 2013. Dispõe sobre a obrigatoriedade de classificação do perfil do investidor. [S. l.], [s.d.].

DA CRUZ, K. K.; DO PRADO, J. W.; CARVALHO, F. de M. O estado da arte em finanças comportamentais: um estudo bibliométrico. *Revista de Gestão e Secretariado*, v. 14, n. 5, p. 7480–7500, 2023. DOI: 10.7769/gesec.v14i5.2133.

ERVILHA, B. C.; AMARAL, J. V.; RUSSO, P. T. Heurísticas da disponibilidade e da ancoragem e ajustamento na qualidade da conciliação contábil. *Revista de Administração, Contabilidade e Economia da Fundace*, v. 13, n. 2, 2022.

FARIAS, T. A.; SALIM, P. H.; SANTOS. Aversão ao risco e resposta comportamental: uma exploração histórico-econômica. *Revista de Estudos Sociais*, v. 22, n. 45, p. 5–36, 2020.

FERREIRA, J. K. F. de S. et al. Uma Investigação sobre a Ocorrência dos Efeitos Certeza, Reflexão e Isolamento na Tomada de Decisão Envolvendo Risco. *Revista Ciências Administrativas*, v. 28, p. e11546, 2022. DOI: 10.5020/2318-0722.2022.28.e11546.

FIEGENBAUM, V. J. Formação e preservação de patrimônio: perfil do investidor e carteira de investimentos. 2019. Tese (Doutorado) – Universidade do Vale Taquari – Univates, Lajeado, 2019.

FONSECA, S. B. Finanças comportamentais e perfis de investimentos. *UFMG*, 2021.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

HAUBERT, F. L. C.; LIMA, C. R. M.; LIMA, M. V. A. Finanças Comportamentais: uma investigação com base na teoria do prospecto e no perfil do investidor de estudantes de cursos *stricto sensu* portugueses. *Revista de Ciências da Administração*, v. 16, n. 38, p. 183–195, 2014. DOI: 10.5007/2175-8077.2014v16n38p183.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Demográfico 2022: Municípios da Região Celeiro do Rio Grande do Sul. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em: 10 abr. 2025.

INVESTIR, R. B. Perfil do investidor: por que é importante descobrir o seu? Disponível em: <https://borainvestir.b3.com.br/objetivos-financeiros/perfil-do-investidor-por-que-e-importante-descobrir-o-seu/>. Acesso em: 3 abr. 2025.

KAHNEMAN, D.; TVERSKY, A. Prospect theory: an analysis of decision under risk. *Econometrica*, v. 47, n. 2, p. 263–292, 1979.

KAYSER, N. C. P.; GUIMARÃES, J. M.; SCHIMIDT, R. A. Mercado de capital: perfil e características preponderantes dos investidores da bolsa de valores. In: *Congresso Internacional de Administração*, ed. 34, 2021.

LASSEN, G. R.; SANTOS, F. A. Perfil de investidor dos alunos de Gestão Financeira. *Latin American Journal of Business Management*, v. 14, n. 2, 2023.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. Fundamentos de metodologia científica. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARSCHNER, P. F.; CERETTA, P. S.; AMBROZINI, M. A. Impacts of investors' rational and irrational sentiment on the Brazilian market. *Revista Contabilidade & Finanças*, v. 35, n. 95, 2024.

OLIVEIRA, M. A. et al. Renda fixa e variável para investidor iniciante: uma discussão teórica. *Revista GeTeC*, v. 14, 2024.

PAIVA, R. T.; SILVA, H. A.; O perfil do investidor individual no mercado financeiro. *Revista Vianna Sapiens*, v. 11, n. 2, p. 30, 29 ago. 2020. DOI: 10.31994/rvs.v11i2.694.

PONCHIO, M. C.; ROHDEN, S. F.; METTE, F. B. Perceived financial well-being as antecedent of psychological well-being: evidence from Brazil. *ReMark - Revista Brasileira de Marketing*, v. 21, n. 5, p. 1631–1676, 4 jan. 2023.

PORTAL DO INVESTIDOR. Relatório perfil e comportamento do investidor 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/investidor/pt-br/educacional/pesquisas/relatorio-perfil-e-comportamento-do-investidor-2023.pdf>. Acesso em: 5 abr. 2025.

CAMPOS, R, C, L.; SILVA, A, F.; CARVALHO, F, M.; BRANDÃO, M, L. Teoria do prospecto e finanças comportamentais. *Gestão.org*. v. 22, n. 1, 2024.

SACCÓL, H. N.; PIENIZ, L. P. Finanças comportamentais: teoria do prospecto e perfil do investidor aplicados aos estudantes de Administração e Ciências Contábeis da Unicruz. *Gedecon – Gestão e Desenvolvimento em Contexto*, v. 10, n. 3, p. 158–183, 2018.

SANDRELLY, M. P. C.; SOARES, J, M, M, V.; SILVA, P, G.; SOUZA, A, N, M. Finanças comportamentais: uma abordagem experimental sobre ancoragem na tomada de decisão. *Revista Conhecimento Contábil*, v. 10, n. 1, 2020. DOI: 10.31864/rcc.v10i01.1924.

SARTI, A, B.; OLIVEIRA, I, M.; BESSA, L. M. Relação entre os perfis de investidores, produtos financeiros e riscos no mercado financeiro brasileiro. *Revista Ifes Ciência*, v. 6, n. 4, p. 177–190, 28 dez. 2020.

SERASA EXPERIAN. Mapa de inadimplência e renegociação de dívidas no Brasil. Disponível em: <https://www.serasa.com.br/limpa-nome-online/blog/mapa-da-inadimplencia-e-renogociacao-de-dividas-no-brasil/>. Acesso em: 01 out. 2025.

SILVA, D. da; LOPES, E. L.; JUNIOR, S. S. B. Pesquisa quantitativa: elementos, paradigmas e definições. *Revista de Gestão e Secretariado*, v. 5, n. 1, p. 1–18, abr. 2014.

SOUZA, R. Noções fundamentais de investimento: construindo um futuro financeiro sólido. Disponível em: <https://www.gov.br/investidor/pt-br/penso-logo-invisto/nocoes-fundamentais-de-investimento-construindo-um-futuro-financeiro-solido>. Acesso em: 5 abr. 2025.

TORRES, E. Rio Grande do Sul atraiu R\$ 100 bilhões de investimentos em 2024. Disponível em: < https://www.jornaldocomercio.com/especiais/anuario-de-investimentos/2025/01/1188719-rio-grande-do-sul-atraiu-rs-100-bilhoes-de-investimentos-em-2024.html?utm_source=chatgpt.com >. Acesso em: 28 jun. 2025.

VON NEUMANN, J.; MORGENSTERN, O. *Theory of games and economic behavior*. Princeton: Princeton University Press, 1944.

ZANOTELLI, M. V. A. Uma análise do perfil conservador do investidor brasileiro pessoa física. 2021. 63 f. Dissertação (Mestrado em Economia de Empresas) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2021.